

**DESLOCAMENTO POSSÍVEL, PERTENCIMENTO INALCANÇÁVEL: A  
UTOPIA DE UM RECOMEÇO EM DUAS NARRATIVAS**  
**POSSIBLE DISPLACEMENT, UNACHIEVEABLE BELONGING: THE  
UTOPIA OF A NEW BEGINNING IN TWO NARRATIVES**

*Karol Sousa Bernardes<sup>1</sup>*

131

**RESUMO**

Os livros *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato, e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida, apresentam personagens com um destino de viagem em comum, que é Portugal. A partir dessas obras, objetivamos analisar três aspectos presentes no processo de travessia deles para Lisboa e o que enfrentam ao lá chegarem. O primeiro é o deslocamento, considerando o que os motivou a se mudarem de país e o que esperavam alcançar com isso. O segundo é a hospitalidade, explorando como foram recebidos por essa sociedade, e que se caracteriza mais como hostilidade. Por fim, o terceiro é o pertencimento, examinando como essa noção é afetada pelas condições precárias de vida e de trabalho que os personagens são submetidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deslocamento. Hospitalidade. Pertencimento.

**ABSTRACT**

The books *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), by Luiz Ruffato, and *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), by Djaimilia Pereira de Almeida, present characters with a common travel destination, which is Portugal. From these books, we aim to analyze three aspects present in the process of their crossing to Lisbon and what they face when they arrive there. The first is

---

<sup>1</sup> É mestrandanda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (subárea: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa). É graduada em Letras Português-Inglês e suas Literaturas pela Universidade Federal de Lavras. Desenvolve pesquisas na área de Literatura Comparada e alguns de seus temas de interesse são: Estado Novo português, Literatura pós-25 de abril, deslocamento e memória. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4965-8837>

“Deslocamento possível, pertencimento inalcançável (...)”, de Karol Sousa Bernardes  
*Metamorfoses*, Rio de Janeiro, vol. 19, número 1, p. 131-149, 2022.



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

displacement, considering what motivated them to move to another country and what they hoped to achieve. The second is hospitality, exploring how they were received by this society, which is characterized more as hostility. Finally, the third is belonging, examining how this notion is affected by the precarious living and working conditions that the characters are subjected to.

**KEYWORDS:** Displacement. Hospitality. Belonging.

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada.

Julia Kristeva

Em *O cosmopolitismo do pobre* (2002), Silviano Santiago analisa dois tipos de pobreza. O primeiro deles é anterior à revolução industrial e caracteriza os indivíduos pela condição de trabalhadores da terra e de cuidadores de animais. O segundo tipo, posterior à revolução industrial, decorre da democratização dos meios de transporte, o que possibilita a emigração de pessoas para os grandes centros urbanos, que necessitam de mão de obra barata. O autor ressalta que, em contraste com o contexto pós-moderno, esses emigrantes são escalados para trabalhos manuais e relegados a bairros precários. Nesse sentido, ele expõe que há, nas metrópoles, uma nova espécie de desigualdade social, visto que, em muitos casos, o deslocamento desses estrangeiros até elas é clandestino, de modo que “o fluxo dos seus novos moradores é determinado em grande parte pela necessidade de recrutar os desprivilegiados do mundo que estejam dispostos a fazer os chamados serviços do lar e de limpeza e aceitem transgredir as leis nacionais estabelecidas pelos serviços de migração” (SANTIAGO, 2002, p. 7-8).

Essa migração em busca de melhores condições de vida, conforme Santiago (2016) em um texto posterior, é uma realidade dos séculos XX e XXI, bem com esse segundo tipo de pobreza identificado pelo autor no texto de 2002. Nesse contexto, muitos foram atingidos pela pobreza e, em casos mais extremos, pela miséria, além de,

em diversas circunstâncias, serem analfabetos e não terem uma profissão definida. À vista disso, o autor ressalta que os migrantes, por não serem, em sua maioria, politizados, são mais compreendidos pelas artes de uma forma geral. Com base nisso, podemos destacar que o cenário das migrações tem sido representado em diversas obras literárias, retratando os sacrifícios e as dificuldades que os personagens migrantes enfrentam na viagem e ao chegarem ao país para o qual se deslocam. Nesse sentido, consideramos duas obras em que os personagens realizam a travessia para um país comum, que é Portugal.

A primeira delas é *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), do escritor brasileiro Luiz Ruffato, que nos apresenta Sérgio – mais conhecido como Serginho –, um personagem mineiro, nascido em Cataguases, que decide ir para Portugal para tentar uma melhor condição de vida, tanto para si próprio quanto para a família que deixa no Brasil. No entanto, o país dos antigos colonizadores não se mostra exatamente como ele esperava, o trabalho não é tão fácil e as pessoas não são sempre receptivas aos brasileiros. A partir do momento em que chega a Lisboa, começa uma trajetória repleta de desafios, não conseguindo atingir seu objetivo final: ganhar muito dinheiro e retornar ao Brasil. A obra se divide em duas partes, sendo a primeira delas “Como parei de fumar”, anterior à ida para Portugal, e a segunda “Como voltei a fumar”, que se inicia no primeiro dia do personagem em Lisboa. Desse modo, observamos que as dificuldades que Serginho enfrenta vão ocorrendo progressivamente e isso se associa à decisão dele de voltar a fumar.

A segunda obra é *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), da autora Djaimilia Pereira de Almeida, nascida em Angola e residente em Portugal. A narrativa nos apresenta dois personagens angolanos, Cartola e Aquiles, pai e filho que decidem ir para Lisboa, em 1985, para buscar tratamento ao segundo, que nasceu com uma deformidade no calcanhar. Ao contrário de Sérgio, os personagens de Djaimilia já partem sem intenção de retornar. A viagem que, a princípio, visava a um tratamento de saúde, torna-se também uma tentativa de recomeço, o que se mostra uma utopia, tentativa de deixar o passado para trás. Tal como Serginho, a recepção na cidade não é como pai e filho esperavam e eles enfrentam diversas dificuldades. Acompanhamos o trajeto dos personagens pelos três locais indicados no título do livro e a situação deles, em cada

lugar, mostra-se cada vez mais degradante. À vista disso, a partir das duas obras, objetivamos, neste trabalho, analisar a travessia desses personagens, investigando como ocorrem os processos de migração deles, partindo do Brasil e de Angola, para Portugal.

### **Deslocamento para o espaço de um infinito (não) prometido**

A face do estrangeiro não é uniforme, como indica Julia Kristeva (1994), mas sim ambígua. Nela, estão inscritas inquietação e calma, felicidade e perturbação. Segundo a autora, o estrangeiro se preocupa com seu próprio bem-estar no deslocamento para outro espaço e no estabelecimento nele, ao mesmo tempo que uma felicidade parece transportá-lo, mesmo com as dificuldades do processo. Ele possui a alegria do desenraizamento e espera “o espaço de um infinito prometido” (KRISTEVA, 1994, p. 12). Essa felicidade e perturbação também precedem a partida, tanto a decisão de se deslocar quanto o processo de ida. Em relação à obra de Luiz Ruffato, o personagem Serginho vivia em Cataguases, Minas Gerais, e perde seu emprego como operário de fábrica, não tendo, portanto, uma profissão definida. Esse aspecto retoma a perspectiva de Santiago (2016) sobre o perfil dos migrantes que se deslocam para as grandes cidades. A partir de sua demissão, o personagem começa a ser questionado e pressionado por pessoas conhecidas sobre o que iria fazer em seguida:

Assim, um domingo de manhã, sapeando a conversa-fiada dos pinguços no Beira Bar, mencionei, meio impensado, quando me perguntaram “O quê que você vai fazer da vida agora, ô Seginho”, que cismava ir embora, “Pro estrangeiro”, e, antes que debochassem, o seu Oliveira, pano-de-prato no ombro, destampou outra cerveja e apoiou o intento, “O caminho é Portugal”, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país pra onde todo mundo estava seguindo, e que, se mais novo, até mesmo ele voltava, “O momento é de reconstrução”, dinheiro não é problema, falta mão-de-obra, e os portugueses andam assoberbados, “Escolhendo serviço”, e sobram oportunidades pros brasileiros e pros pretos (que é como eles chamavam as *pessoas de cor*). (RUFFATO, 2009, p. 25-26).

A partir disso, Serginho realmente decide ir para Portugal, incentivado pelo dono do bar e por muitos habitantes do bairro Taquara Preta, onde morava, que,

impressionados, consideravam que a decisão dele de se mudar para outro país era uma atitude cheia de coragem e de audácia. Além disso, o país europeu é posto em um lugar de superioridade em relação ao Brasil, como a partir da colocação de um dos moradores de Cataguases, que não acreditava que Serginho conseguiria retornar à cidade natal: “‘Depois de conviver’ com a *civilização* em Portugal, ‘A alta cultura’, não ia conseguir mais aturar o povo da Taquara Preta, sem educação, sem modos nem compostura, *desclassificado*. (RUFFATO, 2009, p. 32-33). O objetivo do personagem era trabalhar em Lisboa, conseguir muito dinheiro para comprar imóveis – “tentar a sorte no estrangeiro” (ibidem, p. 31) – e retornar a Cataguases, onde deixou sua família. Essa perspectiva dele se relaciona aos apontamentos de Santiago (2016) em relação a essa mudança de país em busca de melhores condições de vida.

Segundo Stefania Chiarelli (2016, p. 41), o estrangeiro é uma “figura recorrente da modernidade” e surge na literatura brasileira a partir de duas tendências. A primeira delas é através de uma perspectiva histórica, em que as narrativas retomam, por exemplo, a colonização. A segunda é por meio de uma noção mais individual, em que o foco recai em aspectos da vida privada do migrante, de modo que “os personagens vão percorrendo, na possibilidade da narrativa, espaços íntimos, pequenos dramas, em cotidianos que espelham a vivência do estrangeiro procurando se equilibrar nessa tênue linha entre culturas e linguagens distintas” (CHIARELLI, 2016, p. 42). *Estive em Lisboa e lembrei de você* se enquadra na segunda tendência, sendo uma narrativa em primeira pessoa, em que os leitores são conduzidos pelos dramas do cotidiano de Serginho no contexto anterior à sua partida e também quando ele já está em Lisboa. Allysson Casais (2021, p. 154) expõe que o livro de Ruffato é “uma das obras pelas quais novos migrantes passam a entrar em cena na literatura brasileira”. No romance, segundo o autor, “não temos uma ficção ligada à imigração do final do século XIX e início do XX como é de costume na literatura brasileira (contemporânea ou não) de imigração, mas uma narrativa inserida na conjuntura migratória atual” (ibidem). Nesse sentido, sobre a partida de Serginho:

Os dias desencaminharam, uma friagem na barriga, sem tempo pra pensar, remediava de uma coisa e outra, [...] peregrinei em despedidas

[...], e, mesmo que sobrepassasse uma ânsia, será, meu Deus, que é esse mesmo o meu destino?, tarde demais pra pestanejar. E, na manhã que parti, impossível esquecer, uma multidão amontoou na frente de casa, a rua enformigada que nem dia de festa de São Cristóvão. (RUFFATO, 2009, p. 35).

Nesse trecho, observamos a felicidade e a inquietação que Kristeva (1994) aborda. Ela ainda aponta que todos os obstáculos no processo de deslocamento para esse outro espaço são indiferentes ao migrante, no sentido de que eles não o impedem de realizar a travessia e também é a maneira que ele encontra de enfrentar as adversidades. Segundo a autora, o migrante está em busca de um território prometido, mas que não existe realmente, por ser idealizado, como um sonho. Serginho acreditava ser possível enriquecer em Portugal e esperava que a mudança para esse estrangeiro não seria difícil, mas não é o que acontece. Néstor Canclini (2014, p. 2) aponta que “Las utopías de vagabundeos bohemios y migrantes prósperos son para minorías y contrastan con los exilios y con dramáticos desplazamientos masivos”, ou seja, o enriquecimento de quem migra é, na maioria das vezes, uma utopia, como é o caso de Serginho. Aqueles que realmente conseguem prosperar fazem parte de uma minoria.

Já em relação a Cartola e a Aquiles, a ida para Portugal, a princípio, tinha outro objetivo além do econômico. O filho havia nascido com uma deformidade no calcanhar, que só poderia ser tratada em Portugal, com uma cirurgia até ele completar quinze anos de idade, data limite em 1985. Assim, eles vão para o país em busca de um tratamento melhor, deixando em Luanda a esposa de Cartola, Glória, a filha, Justina, e a neta, Neusa. É pertinente destacar que, para além disso, ir para Portugal era um grande sonho de Cartola e ele não pretendia retornar à Luanda. O angolano se sentia português e o deslocamento para Lisboa, para ele, era como “um soldado ferido [que] volta a casa” (ALMEIDA, 2019, p. 19), o que, com o passar da narrativa, mostra-se uma utopia. Mesmo tendo receio de não ser aceito, isso não impede a partida dele, o que se relaciona com a colocação de Kristeva (1994) sobre as dificuldades serem indiferentes ao migrante, uma vez que ele visa a chegada.

Cartola estava em uma situação limite, tanto em relação à data para a cirurgia de Aquiles quanto à situação de sua esposa, Glória. Após o nascimento do filho, ela passou

a sofrer de uma crescente paralisia e necessitava de cuidados constantes, e coube a Cartola essa atribuição, que se mostra exaustiva. Desse modo, quando partem para Portugal, ele busca também se desvincular da esposa e de seu passado: “Se ele sentia que não a voltaria a ver, a ela a partida parecia-lhe um intervalo depois do qual se reencontrariam. Tinham do futuro visões distintas que se encontravam a meio, num desespero conformado, quase indolente” (ALMEIDA, 2019, p. 18), e deixa Glória aos cuidados de Justina. Ao contrário do esperado, Cartola e Aquiles não se sentem bem recebidos em Lisboa, como Serginho.

Somado a isso, se em *Estive em Lisboa e lembrei de você* temos uma noção individual da migração – que se insere em tendências da literatura brasileira propriamente –, no caso de *Luanda, Lisboa, Paraíso*, observamos que a perspectiva individual não se desvincula da histórica, visto que há, no início da obra, trechos que retomam o contexto de guerra em Angola, além de a narrativa retratar os resquícios da colonização, sobretudo quando Cartola e Aquiles chegam a Portugal. Como indica Roberta Franco (2021, p. 113), as obras de Djaimilia Pereira de Almeida, ao se voltarem para o âmbito privado, como as histórias familiares, “inserem outros corpos, sem deixar de evidenciar a invisibilidade que os caracteriza, demonstrando como nos mínimos contextos é possível vislumbrar a projeção de uma sociedade neocolonial”, como a portuguesa. Além disso, Margarida Calafate Ribeiro (2019, p. 5) expõe que “O que está em causa no livro de Djaimilia Pereira de Almeida são as ruínas vivas e humanas do império, não mais a partir da figura do ex-combatente, nem do retornador, mas de quem estava do outro lado da linha que o colonialismo traçou: os negros”. Sobretudo após a independência das colônias portuguesas em África, houve um aumento do número de imigrantes em Portugal, podendo-se destacar os africanos:

O fim dos impérios ultramarinos europeus – com processos de descolonização muitas vezes pautados por conflitos armados e insurreições – foi trazendo para a Europa, ao longo das décadas de 60, 70 e 80, importantes fluxos populacionais, num processo marcado por deslocamentos, ambiguidades, integração, mas também fraturas, exclusões, segregação, invisibilidade, trauma e novas e complexas identidades – repatriados, *pièds noirs*, retornados, ex-combatentes das guerras coloniais, ex-colonizadores, ex-colonizados, refugiados das guerras civis, imigrantes. (RIBEIRO, 2019, p. 1).



À vista disso, é oportuno mencionar a diferenciação entre “refugiados” e “migrantes”, indicada por Donatella Di Cesare (2020, p. 166-167). O primeiro se refere a “aqueles que, fugindo por motivos políticos, deveriam ser acolhidos” e o segundo “aqueles que, tendo deixado seu país motivados por ‘objetivos econômicos’, ou ‘pela ambição de melhorar de vida’, seriam ‘legitimamente recusados’”. Serginho, Cartola e Aquiles se enquadram no grupo dos migrantes e eles vão sentir essa “recusa” logo quando chegam a Portugal, não atingindo o que haviam planejado e não sendo recebidos da maneira que previam, e o acolhimento esperado se inverte em hostilidade.

### **A hospitalidade como o seu inverso: a hostilidade**

A hospitalidade, de acordo com Di Cesare (2020, p. 31), possui um valor político e faz sentido, no discurso político-midiático, apenas no âmbito privado ou religioso. Desconsiderando esses, ela é compreendida como uma “ingênua bondade” e pode se apresentar no seu sentido oposto, a hostilidade. Esta pode se manifestar de diferentes maneiras, como o controle das fronteiras, o preconceito da sociedade, a discriminação em espaços de trabalho, entre outros. Nesse sentido, a hostilidade está presente nas duas obras analisadas. Serginho, ao chegar em Lisboa, não se sente bem recebido: “quando pus os pés em Lisboa, o rapaz olhou o retrato no passaporte, falei bom dia, nem respondeu, bateu um carimbo e mandou seguir, e já fui desgostando desse sistema, pensei comigo que ele não devia estar bem dos bofes” (RUFFATO, 2009, p. 39). Após a chegada, ele se estabelece no Hotel do Vizeu e, logo nos primeiros dias, dona Palmira, uma mulher que trabalhava no estabelecimento, já se indispõe com ele. Serginho, ao ver a recepção vazia, começa a tocar a campainha até alguém aparecer e, quando surge dona Palmira, ele explica que “como não havia *ninguém* no balcão, achei perigoso, *alguém* podia entrar, roubar qualquer coisa” (RUFFATO, 2009, p. 43), ao passo que ela responde “Isso aqui não é o Brasil não, ó estúpido!” (ibidem). À vista disso, podemos considerar o que afirma Di Cesare (2020):



O imigrante é um corpo estranho, que perturba a ordem pública, um corpo fora de lugar, que não se integra, de cuja superfluidade não se sabe como se livrar. Não tem direito de estar onde está. Continuamente é lembrado da sua in-existência decretada pelos outros, pelos autóctones, que o discriminam, que em torno dele reedificam constantemente a fronteira. (DI CESARE, 2020, p. 187).

Essa fronteira é estabelecida por dona Palmira ao perceber que ele é brasileiro e, implicitamente, ela situa Portugal em um âmbito superior ao Brasil, como se em terras lusitanas não houvesse furtos. Ao mudar de país, como indica Di Cesare (2020, p. 185), o migrante passar a estar sob constante julgamento, recebendo questionamentos como “você não é daqui” ou ainda “por que você está aqui?”. Nesse sentido, a hospitalidade não é relativa somente às possibilidades de moradia e de trabalho, por exemplo, mas abrange também as formas com as quais os estrangeiros são tratados, como o modo que os nativos se referem a eles. Em relação ao personagem de Ruffato, a fronteira de que ele não “pertence” àquela sociedade é estabelecida quando os portugueses escutam a língua falada por ele – o português do Brasil – ou quando o personagem tece comentários que indicam aspectos culturais diferentes.

Em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, a não hospitalidade também se apresenta de diversas maneiras. Cartola e Aquiles não se sentem pertencentes àquela sociedade e deixam de ter a esperança de que Lisboa poderia proporcionar algo melhor: “[...] pai e filho perderam a ilusão de que Lisboa os aguardava e de que ali podiam contar com alguém ou esperar alguma coisa do futuro” (ALMEIDA, 2019, p. 55). Como indica Kristeva (1994, p. 19), “O banquete da hospitalidade é a utopia dos estrangeiros” e, pouco tempo após chegarem no novo país, os personagens já compreendem que é a hostilidade que predomina. Pai e filho, a princípio, estabelecem-se na Pensão Covilhã, mas com o tratamento de Aquiles e as cirurgias que não têm os resultados esperados, eles esgotam seus recursos e começam a passar extremas dificuldades:

Pai e filho habituaram-se a não fazer caso de avisos do azar e passaram a fingir que não lhes tinha nascido uma verruga no olho, que não lhes doíam os dentes ou que não tinham fome, hábito que nunca tendo precisado de dominar se entranhou em Cartola e Aquiles como uma peste. O corpo deles tornara-se uma atenção que não se

distinguiam. Era difícil manterem-se alegres sob o efeito dessa doença quando sabiam que nada podia falhar. Qualquer descuido os lançaria para a rua. Acima de tudo, não podiam adoecer, o que o pai prevenia chupando gomos de limão e descascando-os para o filho até os limões, como os medicamentos, se tornarem um luxo. (ALMEIDA, 2019, p. 60).

Outro fator a ser considerado é que Cartola conheceu, em Angola, o português e médico Barbosa da Cunha e esperava que este pudesse ajudá-lo com os documentos para conseguir a nacionalidade portuguesa. No entanto, já em Lisboa, o português deixa de manter contato com o angolano e, quando Aquiles tenta abordá-lo para conversar, o médico aparenta não o conhecer e nem a seu pai. Assim, observa-se que, na ex-colônia, para Barbosa da Cunha, a amizade com Cartola era favorável a ele, o que já não ocorre em Lisboa. Como afirma Canclini (2014, p. 2), “Las nuevas barreras que se levantan exhiben los intereses que impulsan a limitar la interdependencia. Se elige con qué otros vincularse y a quiénes rechazar”. O médico, já em Portugal, cria uma barreira em relação a Cartola e a Aquiles e escolhe não se vincular mais a eles, rejeitando-os. À vista disso, os “fantasmas do fim do império”, abordados por Franco (2021, p. 121), perduram, como o preconceito. À vista disso, com o mesmo destino, que é Lisboa, os personagens – brasileiro e angolanos – aqui analisados enfrentam processos semelhantes, como as dificuldades para se estabelecerem, a precariedade de trabalho e de vida. No entanto, é necessário ressaltar que há desigualdade entre os próprios imigrantes, como em relação à questão racial. Franco (2021, p. 114) afirma que “A memória despertada pela periferia revela o mapa desigual da condição do imigrante, especialmente os de pele negra, para quem determinados espaços são interditos” e, com isso, “é inegável que a dificuldade de inserção é atravessada pela questão racial” (ibidem, p. 121).

A hostilidade também se apresenta na precariedade das formas de existência em Lisboa. Cartola e Aquiles começam a trabalhar como serventes de pedreiro, um serviço árduo, mas não valorizado. Conforme Kristeva (1994, p. 25), “O estrangeiro é aquele que trabalha. [...] ele *ainda* considera o trabalho como um valor. Certamente uma necessidade vital, o único meio da sua sobrevivência, que [...] reivindica simplesmente como um direito básico, grau zero da dignidade”. No entanto, mesmo trabalhando, eles

não conseguem garantir os meios básicos para viverem, como terem o suficiente para comer. Passados cinco anos morando no Hotel do Vizeu, Cartola e Aquiles, ao se encontrarem em uma situação de extrema dificuldade financeira e sem terem a quem recorrer, deslocam-se para a Quinta do Paraíso, um bairro periférico, distante do centro de Lisboa, e que de paraíso nada tem. Nele, pai e filho enfrentam a miséria, a fome e o cansaço. Com isso, os personagens vão sofrendo perdas, violências e discriminações, que os fazem se sentir cada vez mais solitários e fatigados.

De acordo com Abdelmalek Sayad (1998), a habitação dos imigrantes está em uma relação de mútua dependência com o trabalho. Essa habitação, segundo o autor, é econômica, visto que trabalhadores imigrantes não possuem uma renda financeira alta, sendo “uma habitação pobre e uma habitação de pobre para um ocupante conhecido como pobre” (SAYAD, 1998, p. 75). Além disso, Sayad expõe que a moradia deles, em sua maioria, não dispõe de muito espaço e abriga, principalmente, o cansaço do trabalho do imigrante. À vista disso, podemos considerar que, muitas vezes, a habitação desses estrangeiros é precária e se encontra em espaços mais periféricos da cidade, como é o caso do bairro Paraíso, para onde Cartola e Aquiles se mudam, alocando-se em um “casebre”. Eles dormiam em colchões retirados do lixo, que possuíam pulgas, e passavam fome e frio.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, a hostilidade alcança Serginho no seu primeiro emprego como garçom no restaurante O Lagar do Douro, após um período de muito desespero para encontrar uma fonte de renda: “clamei pra que Deus auxiliasse aquele momento difícil de solidão e arrependimento, que Ele providenciasse logo uma colocação, porque o dinheiro escasseava, mal dava pra bancar o aluguel do quarto e o almoço, minha única refeição” (RUFFATO, 2009, p. 53-54). Sayad (1998, p. 54) questiona o que é um imigrante e expõe que “Um imigrante é *essencialmente uma força de trabalho*, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (grifos nossos), de forma que “a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho” (SAYAD, 1998, p. 55).

Além disso, Di Cesare (2020, p. 18) argumenta que “[...] se ‘sou daqui’, ‘tenho direito’ à casa, ao trabalho, à assistência de saúde, à proteção social. Por oposição, se ‘você não é daqui’, se ‘você não existe’, ‘não tem nenhum direito’”. Nesse sentido, ao

não ter garantia dos princípios básicos de existência, como moradia, alimentação e saúde, o migrante tem uma preocupação maior em trabalhar, está sujeito a esse trabalho, como é o caso de Serginho, o que também recupera o apontamento de Kristeva (1994), de que o trabalho para o estrangeiro é o único meio para sua sobrevivência. Ademais, o personagem de Ruffato, tal como Cartola e Aquiles, ao final da narrativa, também se torna ajudante de pedreiro em uma construção e passa a morar em uma pensão.

Na obra de Ruffato, a hierarquia entre os estrangeiros também surge na relação entre os empregados do restaurante. Havia Anatólio, “um garçom ucraniano louro de olho azul, que entendia o diabo de tudo quanto é idioma estrangeiro” (RUFFATO, 2009, p. 56). Por essas características, ele conseguia se comunicar melhor com os clientes e ganhava mais gorjetas do que o brasileiro que só falava português do Brasil. Mesmo sendo contribuição para o estabelecimento durante um ano, Serginho é despedido. O dono do restaurante, “seu” Peixoto, havia contratado outro ucraniano e ainda ressalta: “‘Não te ofendas, **pá**’, os fregueses preferem ser atendidos por um **gajo** louro de olhos azuis, [...] o cliente é quem manda, ‘Tu sabes’” (RUFFATO, 2009, p. 81), o que acentua o preconceito que o personagem, enquanto brasileiro, sofria na sociedade portuguesa. Além disso, Sayad (1998, p. 55) ressalta que o imigrante é “[...] um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento”. No caso de Serginho, Peixoto acreditava que os brasileiros sempre pensavam em voltar ao Brasil e, por isso, já o considerava como provisório. Quando teve oportunidade, o dono do restaurante o despediu.

Ademais, Serginho se aproxima dos brasileiros que também viviam em Lisboa. Santiago (2016, p. 16) expõe que os estrangeiros “Na metrópole nacional ou na estrangeira, encontram ou reencontram os semelhantes na vivência cotidiana e miserável e procuram ser parte constitutiva dum grupo diaspórico orgânico, em geral norteado pela língua que lhes é comum”. O personagem conhece Rodolfo e Sheila, que compartilham experiências semelhantes às dele, como as dificuldades de ser um brasileiro em Portugal: “O Rodolfo avivou a conversa, ‘Nós estamos lascados, Serginho’, aqui em Portugal não somos nada, ‘Nem nome temos’, somos os *brasileiros*, ‘E o que a gente é no Brasil?’, nada também, somos os outros. (RUFFATO, 2009, p. 78). Assim, o migrante passa a não se sentir mais pertencente nem à sua terra natal e

nem ao lugar para o qual se deslocou. Isso retoma a epígrafe deste trabalho, em que Kristeva (1994, p. 15) indica o “não pertencer a nenhum lugar”, sendo o estrangeiro um ser sempre em trânsito, seja físico, seja afetivo, seja identitário.

## O (não) pertencimento e as múltiplas fronteiras

A in-existência do imigrante, abordada por Di Cesare (2020), é estabelecida, a princípio, pelo outro. Quem migra é como um corpo estranho e fora de lugar e, em vista disso, os nativos instituem fronteiras em relação a ele. No entanto, segundo a autora, o estrangeiro assume essa in-existência para si, de modo que sofre uma ruptura com as conexões que possuía com seu lugar de origem. Di Cesare (2020, p. 187) ainda ressalta que essa fratura é dupla: “o migrante não existe no lugar de chegada, onde é rechaçado; não existe no lugar de partida, de onde, apesar de todos os esforços, está ausente”, ou seja, é um corpo em trânsito, sem lugar, o que afeta a sua noção de pertencimento. Ele é “destinado aos não lugares, fadado às fronteiras” (DI CESARE, 2020, p. 174).

Nas obras literárias analisadas, podemos considerar a falta de documentação dos personagens em Portugal. Em relação a Serginho, ele vai para Lisboa com seu passaporte, mas, ao conhecer Sheila, que precisava de um empréstimo, entrega o seu documento, juntamente com o dela, como forma de garantia, e não o recupera. Já acerca de Cartola e de Aquiles, eles entregam uma pasta com papéis a Barbosa da Cunha para o pedido da nacionalidade portuguesa. No entanto, o português recebe os papéis, mas não os ajuda. Pai e filho, com isso, ficam em uma espera constante pela documentação que não chega: “Parecia pensar que um dia lhe bateriam à porta e lhe diriam que estava tudo tratado, que era enfim português, direito que julgava pertencer-lhe” (ALMEIDA, 2019, p. 74). Assim, os três personagens estão clandestinos em Portugal. Sobre esse estigma de “clandestino”, Di Cesare (2020, p. 189) indica que “se antes o termo indicava o passageiro que desembarcava ilegalmente, logo em seguida foi usado para designar quem entra em um território sem documentos ou passa a habitá-lo sem um visto de permanência regularizado”.

Somadas a essas questões, conforme Di Cesare (2020), o passaporte comprova que o indivíduo pertence a um estado. Sem o documento, ele não tem cidadania e nem identidade. A condenação da clandestinidade, ainda conforme a autora, é a invisibilidade, visto que, ao não ter documentação, o imigrante precisa se esconder, e esse é mais uma meio de estabelecer a sua in-existência. Desse modo, as fronteiras as quais o estrangeiro é submetido são múltiplas: partem dos nativos pertencentes à sociedade que ele tenta se inserir; de si próprio, ao não se sentir mais pertencente a nenhum lugar; e, em relação aos sem passaporte, da condição de invisibilidade em que são colocados. À vista disso, Serginho se encontra sem documento e sem trabalho e a narrativa se encerra com o trecho:

No desespero, fugi clandestino do hotel do Vizeu e homiziei no apartamento do Rodolfo, na Damaia, até o Jerê conseguir me arrumar uma vaga numa pensãozinha sem nome na Buraca e um emprego de ajudante de pedreiro na construção de um conjunto habitacional na Amadora. E foi assim que, depois de seis anos e meio, pouco mais ou menos, entrei numa tabacaria, pedi um maço de SG, um isqueiro, tirei um cigarro, acendi e voltei a fumar. (RUFFATO, 2009, p. 83).

À vista da situação em que se encontra Serginho ao final da narrativa, consideramos o que afirma Igiba Scego (2019, p. 128), de que mesmo havendo a concepção, na teoria, de que os indivíduos são todos iguais, a realidade se mostra diferente, sendo estabelecida uma “barreira invisível” entre eles, “que promove alguém para a primeira divisão e joga os outros no abismo da segunda ou terceira divisão”, e, muitas vezes, esses indivíduos – neste caso, os imigrantes – não encontram meios de sair dessas situações difíceis e precárias. Cartola e Aquiles também são lançados nesse abismo, em uma sucessão de dificuldades e de desesperanças, relegados à invisibilidade, que, segundo Franco (2021, p. 116), “não passa apenas pela moradia na periferia ou pela cor da pele, é marcada pela condição de ilegalidade”. Assim:

Ainda antes de perderem tudo, Cartola e Aquiles estavam longe de saber a razão de terem vindo parar à Quinta do Paraíso. A história empurrou-os para uma margem sem que dessem conta de que tinham chegado a terra. Postos de parte, não tinham nem dignidade dos

espoliados nem a honradez redentora dos desgraçados. Tinham apenas o heroísmo insuspeito de terem ficado de lado, como ervas daninhas, querubins, migalhas de pão, [...] enquanto clandestinos não para os mestres das certidões, antes dissimulados no lugar escuro onde os narradores não chegam nem para se regozijarem do facto de terem visto o que mais ninguém viu nem para dizerem que ninguém lá entra. (ALMEIDA, 2019, p. 148).

Nesse sentido, os personagens de Almeida adentram em um silenciamento, como se buscassem desaparecer entre as pessoas, como em relação a Cartola: “Mas aprendera a virar-se para dentro caminhando entre os outros como se, rodeado de gente, ninguém conseguisse fixar as suas feições. A disciplina do desaparecimento exigia-lhe apenas o silêncio e não se dar a conhecer” (ALMEIDA, 2019, p. 56). Para isso, ele evitava prolongar conversas com outras pessoas e as dispersava, de maneira que “Conseguia a magia de passar pelos outros como um fantasma. *Parecia até que o tinha escolhido*” (ibidem, grifos nossos). De acordo com Kristeva (1994), em relação ao estrangeiro:

O silêncio não lhe é somente imposto, ele está em você: recusa de dizer, sono preso a uma angústia que quer permanecer muda, propriedade privada de sua discrição orgulhosa e mortificada – luz cortante, esse silêncio. [...]. Nada a dizer, nada é para ser dito, nada é dizível. (KRISTEVA, 1994, p. 24).

Pai e filho vão emudecendo e esse silêncio se estabelece também entre eles próprios. Nesse sentido, o que se observa é um despertencimento dos personagens nos três lugares em que estiveram – Luanda, Lisboa e Paraíso, indicados no título do livro –, bem como de si próprios, o que indica uma espécie de “duplo deslocamento do sujeito”. Essa concepção é apontada por Stuart Hall (2006), que expõe que esse duplo deslocamento é uma “descentração dos indivíduos tanto no seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 9), o que se observa em Cartola e em Aquiles. Somado a isso, Kristeva (1994, p. 22) coloca o questionamento: “Será que devemos admitir que nos tornamos estrangeiros num outro país porque já o somos por dentro?”, o que demonstra que essa



sensação de não se sentir pertencente a nenhum lugar se relaciona tanto a fatores externos quanto internos.

Além disso, como argumenta Michael Pollak (1992, p. 5), “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”, o que não acontece com os personagens na sociedade portuguesa. Tendo isso em vista, os espaços geográficos da obra – mesmo Paraíso, que é ficcionalizado – estabelecem uma relação direta com os “espaços” existenciais dos personagens, ou seja, eles influenciam os pensamentos e sentimentos de Cartola e de Aquiles. Em relação ao pai, por exemplo: “Não era Cartola que fazia por não ser visto, mas *a cegueira o que era a condição da cidade*” (ibidem, p. 56, grifos nossos). Essa “cegueira” da cidade também afeta o sentimento dele de pertencimento àquela sociedade.

Essa construção de identidade através do convívio com os outros, como expressa Pollak (1992), também perpassa a obra de Ruffato. Pela narração de Serginho, observamos que ele mantém um vínculo maior com os brasileiros que conhece em Lisboa e que a relação que estabelece com os portugueses se mostra mais distanciada, como com o dono do hotel ou o do restaurante onde trabalhava. Com base nisso, há uma não proximidade entre o brasileiro e os portugueses e isso pode ser associado às fronteiras entre os pronomes “nós” e “eles”, que Di Cesare (2020) apresenta como não sendo indiferentes. Eles “situam indivíduos e grupos na fala, delimitam seus papéis, endereçam seu discurso. São as primeiras fronteiras marcantes, as linguísticas” (DI CESARE, 2020, p. 145). Essa diferença linguística é marcada textualmente no livro de Ruffato. Expressões mais características da língua portuguesa do Brasil são grifadas em itálico e as palavras ou frases mais particulares do português de Portugal são marcadas em negrito. À vista disso, na linguagem do personagem, verificamos que as línguas dos dois países vão se misturando e a própria identidade dele se modifica com sua vivência em outro país, o que retoma a colocação de Hall (2006) sobre o deslocamento do sujeito. No entanto, essa mescla não é suficiente para fazê-lo ser aceito.

Serginho, a princípio, tinha como objetivo retornar ao Brasil, mas essa realidade se torna cada vez mais distante, visto que não consegue recuperar seu passaporte. Ele se

resigna, conseqüentemente, a trabalhar em uma construção e a morar em uma pensão, não conseguindo alcançar os objetivos que o haviam feito se mudar para Lisboa a princípio. Cartola também não conquistou o que almejava e ainda teve um desencadeamento de dificuldades e de consternações. O sofrimento dele ainda foi acrescido com o falecimento de seu amigo Pepe, e que foi um momento crítico para Cartola: “Portugal terminava para o seu amigo angolano sem que o pai de Aquiles tivesse chegado a esse paraíso” (ALMEIDA, 2019, p. 197). Assim, os três personagens vivenciaram a impossibilidade do pertencimento, como aponta Kristeva (1994) em relação ao migrante.

### **Considerações finais**

O percurso de análise realizado neste trabalho partiu de duas obras literárias – *Estive em Lisboa e lembrei de você* e *Luanda, Lisboa, Paraíso* – e, por meio delas, acompanhamos a trajetória de três personagens para Portugal. Com base nisso, exploramos três aspectos presentes na travessia deles e após a chegada ao país: deslocamento, hospitalidade e pertencimento, que se conectam. Em relação ao primeiro, observamos que os personagens migraram para Portugal tendo em vista um recomeço e também melhores condições de vida e de trabalho, o que se mostrou uma utopia. Eles tinham muitas expectativas quanto à chegada e esperavam que esse novo espaço proporcionaria infinitas possibilidades, um “infinito prometido”, como vimos por meio dos estudos de Julia Kristeva (1994). Portugal foi apresentado para eles como sendo superior, seja nas oportunidades de emprego, seja nos modos de vida e de cultura. No entanto, a realidade no país se mostrou muito diferente. Serginho, Cartola e Aquiles não alcançaram os objetivos que tinham na partida. Nesse sentido, ser bem-sucedido no novo país, sendo migrante, ocorre a uma minoria.

Somado a isso, a hospitalidade em Portugal, a partir da experiência desses personagens, mostrou-se mais como seu inverso, a hostilidade. Eles não se sentiam acolhidos pelos portugueses, sobretudo pela maneira em que eram tratados nos diferentes espaços. Os três também foram relegados a condições de trabalho precárias,

em que não eram valorizados. É válido ressaltar, com base nisso, de que há uma hierarquia estabelecida entre os próprios migrantes, sendo a raça um fator determinante em relação às oportunidades que eles têm e os espaços que podem ocupar. No caso de Serginho, estando empregado, ainda conseguia receber o suficiente para o mais básico, que era ter alimento e moradia, isto é, um quarto alugado em uma pensão. Já Cartola e Aquiles, mesmo trabalhando arduamente, não ganhavam o bastante para ter, ao menos, o suficiente para se alimentarem.

O terceiro aspecto considerado, o pertencimento, foi afetado, a princípio, pela hostilidade com que os personagens foram recebidos em Lisboa, as fronteiras e a inexistência impostas a eles. No entanto, os estrangeiros assumem essa inexistência para si e sofrem uma dupla fratura, ou seja, não se sentem pertencentes ao lugar do qual partiram e nem ao país para o qual migraram, como indicado por Donatella Di Cesare (2020), aspecto esse que é corroborado pela clandestinidade. Desse modo, Serginho, Cartola e Aquiles conseguiram migrar, mas o pertencimento deles àquela sociedade era inalcançável. Como indicado na epígrafe, citação de Kristeva (1994), o enraizamento do estrangeiro é impossível, ele não pertence a nenhum lugar, a nenhum tempo e a nenhum amor, ele é um ser em trânsito.

### Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **Luanda, Lisboa, Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CANCLINI, Néstor García. ¿Qué representan hoy los pasaportes?. **Revista Otra parte**, Buenos Aires: Siglo XXI, p. 1-4, 2014.

CASAI, Allysson Augusto Silva. Novos migrantes em cena: pobreza e (e)migração em Luiz

Ruffato. **Nau Literária**, v. 17, n. 3, p. 153-181, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/113591>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

CHIARELLI, Stefania. Que Brasil existe? Estrangeiros na literatura brasileira. **Intelligere, Revista de História Intelectual**. São Paulo, v. 2, n 2 [3], p. 40-48. 2016. ISSN 2447-9020. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros residentes**: uma filosofia da migração. Tradução: César Tridapalli. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

FRANCO, Roberta Guimarães. A “inseparabilidade” dos trânsitos na obra de Djaimilia Pereira de Almeida. **Abril-NEPA/UFF**, v. 13, n. 27, p. 109-124, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/50258>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Luanda, Lisboa, Paraíso?. **Memoirs Newsletter**, n. 79, p. 1-6, 2019.

RUFFATO, Luiz. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTIAGO, Silviano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolitismo do pobre. In: CHIARELLI, Stefania; NETO, Godofredo de Oliveira (org.). **Falando com estranhos**: o estrangeiro e a literatura brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, p. 15-32.

SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. **Margens/Márgenes: Revista de Cultura**. n. 2, p. 4-13, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SCEGO, Igiaba. “Viajantes”. In: MELLO, Patrícia Campos et all. **Fronteiras**: territórios da literatura e da geopolítica. Porto Alegre: Dublinense, 2019, p. 121-139.